



ENTREVISTA MÔNICA BENÍCIO, VEREADORA

‘Milícia é máfia incrustada dentro do Estado brasileiro’

Mônica Benício já era militante de direitos humanos e ativista LGBTI+ quando foi eleita vereadora pelo Rio de Janeiro nas eleições de 2020. Desde então, a parlamentar tem pautado sua atuação na promoção e defesa dos direitos das mulheres e no debate urbanístico com foco na inclusão social. “Não será possível recuperar o verdadeiro sentido dos Direitos Humanos sem se refundar o Estado e as instituições brasileiras. A Constituição de 1988 nunca saiu do papel plenamente. O Brasil precisa se repactuar com a sua Constituição, para garantir trabalho e renda, educação, saúde, saneamento, moradia digna. Sem esses alicerces, não há como o conceito de Direitos Humanos prosperar na sociedade brasileira”, disse em entrevista ao jornal O DIA. Mônica era companheira da vereadora Marielle Franco, quando ela foi assassinada em 2018 junto com o motorista Anderson Gomes. A partir do crime, vem se dedicando na luta por justiça. “Denunciando de todas as formas possíveis que não há democracia enquanto não soubermos quem mandou matar Marielle”.

■ Vereadora, quais têm sido as suas bandeiras de luta política?

● Sigo na luta por justiça ao assassinato de minha companheira Marielle e de Anderson Gomes. Denunciando de todas as formas que não há democracia enquanto não soubermos quem mandou matar Marielle. Também tenho dado continuidade ao seu legado na Câmara Municipal, por isso reapresentamos o projeto de lei que cria o dia da visibilidade lésbica - apresentado por Marielle e não aprovado por dois votos ainda em 2017. Esse projeto também fala da constituição de nossa família e do respeito à nossa identidade. Apresentamos ainda, junto com a bancada do PSOL, o projeto de lei que torna o dia 14 de Março o Dia Municipal de enfrentamento à violência política contra as mulheres. Também desarquivamos projetos de lei da Marielle de lutas importantes para os movimentos feministas e LGBTs. Dentre outras pautas, destaco a atuação de nossa mandata nas pautas feministas e aquelas de promoção e defesa da vida das mulheres. Este foi um dos movimentos que mais ressignificou a minha vida após o 14 de Março de 2018.

■ Uma das perguntas mais repetidas dos últimos anos parece ainda sem resposta. Afinal, quem mandou matar Marielle Franco?

● Essa é a pergunta que faço a todas as autoridades do país. Essa é a pergunta que levei para diversas partes do mundo. Até hoje, apenas os executores foram identificados e presos. Mas, enquanto não soubermos quem mandou matar Marielle, a justiça não será feita. As instituições do Estado perderão, ainda mais, sua legitimidade. E a democracia brasileira torna-se ainda mais vulnerável. Sabemos das



Não há democracia enquanto não soubermos quem mandou matar Marielle”



Hoje no Estado brasileiro, existe um grupo político mafioso que é capaz de matar seus opositores”



CLARICE LISSOVSKY

relações dos executores com as milícias e com o Escritório do Crime. Sabemos também que esses grupos possuem seus tentáculos fortes, na institucionalidade. Hoje no estado brasileiro, existe um grupo político mafioso que é capaz de matar seus opositores como forma de fazer política. Uma democracia que se preze não pode conviver com práticas que nos remete aos tempos da Ditadura Civil Militar Empresarial.

■ A Polícia diz ter chegado aos assassinos de Marielle. A senhora acha que parte deste crime está solucionado?

● Não pode haver solução parcial para o maior atentado político do século. Para falarmos em solução do caso, precisamos que o crime seja esclarecido por inteiro, o que inclui a resposta sobre os autores intelectuais. Eu acompanho muito de perto as investigações, em contato constante com MPRJ e com Delegacia de Homicídios. Não quero me adiantar e dizer que esta ou aquela linha é certa ou errada, mas também não vou aceitar qualquer coisa. Então vamos aguardar a conclusão do inquérito e analisar com muita atenção o que for apresentado como resposta à sociedade.

■ Em depoimento na CPI da Pandemia, o ex-governador Witzel falou que sofreu perseguição política por investigar a morte

da vereadora Marielle Franco. A senhora acredita em interferência política na investigação?

● Para início de conversa, é preciso ser dito que o ex-governador participou de um ato em que foi quebrada uma placa de homenagem à Marielle, o que me causou um sentimento muito ruim na época. Sabemos que Witzel tem trabalhado em sua defesa desde o início do impeachment, então das duas uma: ou ele está criando um factóide como forma de se proteger das acusações que levaram ao seu impedimento, ou ele, de fato, tem elementos suficientes para implicar agentes do governo federal no crime contra Marielle. Neste caso, e é o único que me interessa de verdade, ele deve imediatamente apresentar as provas. Se houve interferência política, que o ex-governador diga explicitamente quem são os responsáveis e quais foram seus motivos de forma objetiva.

■ Witzel disse que o delegado Marcos Vinícius Braga, ex-Secretário de Polícia Civil, pediu na época para sair do posto com temor de que algo ruim pudesse acontecer com ele e sua família. A senhora tem mais informações sobre o que aconteceu de fato?

● Isso é gravíssimo. São declarações muito fortes. Por isso mesmo Witzel precisa apresentar informações completas, provas é que valem para



Hoje a principal tarefa é retomar o Estado e as instituições do país das mãos destas máfias”

uma CPI, onde foi dado depoimento, mas também para Polícia Civil e Ministério Público do Rio, que a essa altura, imagino, já solicitaram informações ao ex-governador.

■ O que pode ser feito para se evitar a influência das milícias na política?

● Estudo recente, batizado de Mapa dos Grupos Armados do Rio de Janeiro, aponta que 57% do território da cidade está sob domínio das milícias. Outra pesquisa feita pela Rede Fluminense de Pesquisas sobre Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos aponta indícios de articulação das milícias com Poderes Executivos municipais e casas legislativas. Além de ligações de milícias com igrejas evangélicas pentecostais. Rio e Grande Rio estão reféns de máfias, com braços institucionais que impulsionam suas ações. Milícia é máfia. Máfia que está incrustada no Estado brasileiro e que conta hoje com a simpatia do mais alto comando do país. Hoje a principal tarefa é retomar o Estado e as instituições do país das mãos destas máfias. É preciso quebrar braços financeiros dessas organizações criminosas, pois é o seu poderio econômico que viabiliza corrupção de agentes públicos, eleição de políticos comprometidos com essas máfias e o domínio de populações inteiras em determinados territórios.

O DIA Online As mais lidas

Calendário acelera e prefeitura vacina pessoas de 47 anos nesta segunda-feira.
RIO DE JANEIRO, P. 5

PM baleado na Pavuna morre após 20 dias internado.
RIO DE JANEIRO

Narrador pede demissão da Globo após 15 anos.
ESPORTE

O DIA

A QUALQUER HORA, EM QUALQUER LUGAR.

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code abaixo.

